

## **A REPRESENTAÇÃO DO LEITOR NO CONTO A AVENTURA DO UM LEITOR, DE ITALO CALVINO**

MARIA AUXILIADORA CERQUEIRA WANDERLEY (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA).

### **Resumo**

Nesse ensaio, procedo a uma análise do papel do leitor no conto "A aventura de um leitor" de Italo Calvino, tomando como referência básica a obra "Seis Propostas para o novo Milênio" (1990), na qual são sugeridas qualidades gerais, entre elas, a "Leveza" como condição essencial para a literatura nesse milênio. Assim, a "leveza" sugerida pelo escritor foi posta em diálogo com o seu texto ficcional, especificamente, o texto "A aventura de um leitor" que integra o livro *Os amores difíceis* (1992), escrito pelo mesmo autor. O momento é de grande transição: fim de um milênio que viu o surgimento e a expansão das línguas ocidentais modernas e de suas literaturas. Fim do milênio do livro. Transição também para uma nova era tecnológica que coloca o livro, a literatura e a própria linguagem numa crise aberta. É nesse contexto que o escritor Italo Calvino irá propor leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade "como valores ou qualidades ou especificidades da literatura". Por pertencer à categoria de escritores-críticos, Calvino desenvolve um pensamento teórico sobre a literatura e propõe virtudes essenciais para que ela cumpra, plenamente, a sua função. Nesses conferências, o autor transcende os limites do texto literário e fornece um vasto material para que se possa refletir sobre o homem e suas relações neste novo século.

### **Palavras-chave:**

leitor, literatura, leveza.

Por pertencer à categoria de escritores-críticos, Ítalo Calvino desenvolve um pensamento teórico sobre a literatura e propõe virtudes essenciais para que ela possa cumprir plenamente a sua função. Assim, nas conferências apresentadas pelo escritor na obra intitulada *Seis propostas para o próximo milênio* (2002), Calvino transcende os limites do texto literário e fornece um vasto material para que se possa refletir sobre o homem e suas relações neste novo século. É nesse contexto que o escritor apresenta *leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, e multiplicidade* (*consistência* deveria ser a última, porém não foi concluída por conta da sua morte) como valores ou qualidades ou especificidade da literatura, buscando situá-los na perspectiva do próximo milênio. No aspecto *leveza*, Calvino a tem, antes de tudo, como um antídoto ao peso do mundo. A *leveza* da instabilidade do olhar para lidar com a diversidade das coisas por uma visão indireta, diagonal, ou melhor, através dos espelhos. Ou seja, a *leveza* contra o peso da busca incessante do sentido único e decisivo. Para melhor definição das qualidades propostas, Calvino (2002) sugere um novo olhar sobre essa bagagem sedimentada na cultura.

Podemos dizer que duas vocações opostas se confrontam no campo da literatura através dos séculos: uma atende a fazer da linguagem um elemento sem peso, flutuando sobre coisas como uma nuvem, ou melhor, como uma tênue puerulência, ou, melhor ainda, como um campo de impulsos magnéticos; a outra tende a comunicar peso à linguagem, dar-lhe a espessura, a concreção das coisas, dos corpos, das sensações (p.27).

No conto "A aventura de um leitor", do livro *Os amores difíceis* (1992), Ítalo Calvino apresenta um leitor cuja atitude parece mais próxima à segunda vocação no trecho acima transcrito. Atribuindo um peso excessivo à palavra, o leitor impossibilita que ela flutue em meio às expectativas da vida. Trata-se de um exemplo e até, sobretudo, de um contra-exemplo para leveza que Calvino propõe e qualifica nas suas reflexões.

Segundo o autor, a literatura tem "função existencial", pois conduz o homem a buscar leveza, "como reação ao peso de viver". Assim, não se trata, como parece fazer o leitor do texto, de estabelecer fronteiras entre letra e vida. Excluir a letra tornaria insustentável o ônus imposto pela vida, realizar uma fuga completa para ela determinaria a impossibilidade de viver.

No âmbito da ficção, Calvino utiliza-se de um jogo simbólico para construir o leitor-personagem Amedeo. Este, como todas as personagens de *Os amores difíceis*, é um habitante de um mundo em transição. Escrito em 1992, o livro traz um contexto concernente ao fim do século XX, ainda tocado pelo "peso", mas já em busca da leveza preconizada pelo escritor.

É preciso pensar no estilo Perseu, personagem mitológico, que voa em sandálias aladas para decapitar o monstro Medusa, a deusa mortal, cujo olhar transformava em pedra todo aquele que ousasse fitar seus olhos. Para que fosse possível degolar o monstro, Perseu faz uso de um escudo polido de bronze, como se fosse um espelho, e assim guiado, liquida-o sem olhá-lo diretamente nos olhos. Dessa forma, com olhar indireto do herói leve, é que o escritor, Ítalo Calvino, estabelece uma relação entre a criação do poeta e o mundo.

A partir da imagem do mito Perseu, a literatura pode ser vista como um jogo de espelhos. Na recusa da visão direta, através do olhar oblíquo do herói, Perseu escapa do olhar petrificante de Medusa e busca, na imagem refletida no espelho, capturá-la. Assim, a especulação não é senão um conhecimento indireto. O espelho produz uma imagem revertida da realidade. É através dessa simbologia especular da sabedoria e do conhecimento, da manifestação que reflete a inteligência criativa, que Ítalo Calvino (1990) tece os fios de sua narrativa ficcional:

Melhor deixar que meu discurso se elabore com as imagens de mitologia. Para decapitar a cabeça da Medusa sem se deixar petrificar, Perseu se sustenta sobre o que há de mais leve, as nuvens e o vento; e dirige o olhar para aquilo que pode se revelar por uma visão indireta; por uma imagem capturada no espelho (p.16).

No conto A aventura de um leitor a personagem principal transita entre os recortes irregulares dos penhascos e as águas calmas, com a delicadeza de alma necessária para ser um Perseu dominador de monstros. Amedeo é um homem solitário que em todo verão seleciona alguns livros, arruma-os em uma pesada maleta e segue rumo à estrada litorânea em busca de um lugar tranquilo para desfrutar do prazer da leitura. Sempre procura reduzir ao mínimo sua participação na vida ativa. Vê mais realidade nas idéias do que nos fatos. Nos livros encontra o universo: digerido, classificado, rotulado, ainda assim formidável. A leitura proporciona-lhe um encontro permanente, que pode acontecer conforme sua vontade, a qualquer momento e em qualquer lugar. Prefere, sobretudo, os volumes grossos, e enfrentá-los "lhe dava o prazer físico de enfrentar uma grande trabalhadeira". A esse respeito, discorre a narrativa:

(...) Sopesá-lo na mão, densos, espessos, volumosos, considerar com um pouco de apreensão o número de páginas, a extensão dos capítulos; depois entrar neles: de início um pouco relutante, sem vontade de vencer a primeira tarefa, de ter em mente os nomes, de colher o fio da história; depois, ganhando confiança, correndo pelas linhas, atravessando o muro da página uniforme (Calvino, 1992, p. 83).

Ao ler, Amedeo assume um universo que não é o seu. Entre ele e o texto cria-se uma relação de perfeita intimidade que o une às personagens, aos fatos e à força das representações imaginárias. O universo ficcional apresenta-se como uma possibilidade de vivência diferente e mais atrativa do que as experiências impostas pela vida. Para a personagem que protagoniza o conto, o mundo todo se transforma em pedra. Busca, no universo ficcional, novos caminhos a explorar, estilos e formas que podem mudar a imagem estagnada no mundo. Assim, para Amedeo, a literatura tem a função de preencher uma lacuna em sua vida, vem ao encontro de um desejo. "O interesse pela ação sobrevivia, porém no prazer de ler, sua paixão era sempre as narrativas de fatos, as histórias e o enredo das vidas humanas" (CALVINO, 1992, p. 83).

Há um mundo a ser explorado no texto ficcional e há um mundo que o assusta fora do texto. De um lado existe o leitor inscrito na obra, e, de outro, o indivíduo completamente absorvido pela narrativa. Dessa forma, porém, o processo de leitura solicita do leitor uma postura, simultaneamente distraída e alerta. Através das palavras, universos inteiros são evocados sem que possa esgotá-lo. Amedeo procura dar sentido a narrativa na sua imaginação, seguindo o que lhe parece verossímil. No livro, literatura e memória são o mesmo ser, porque a literatura é um processo mnemônico, é recordação, uma memória totalmente aberta, em que cabem detalhes, sentidos, sonhos, desejos, enfim, todas as questões da existência, formando um grande conjunto que é a memória da imaginação.

A relação com a leitura, isto é, a possibilidade de construir sentido, dá-se por meio das atitudes da personagem. O ato de leitura é um jogo particular que se faz sozinho, no tempo da própria curiosidade, intercalando quando se quer, relendo sem pressa algum trecho que ficou incompreensível, voltando atrás, pulando parágrafos, copiando outros, desistindo na metade, adiando para um outro momento, enfim, entre a história do corpo e a do livro, existe uma dialética inscrita. A leitura é, portanto, embriaguez, volúpia, mergulho vital, emoção que escorrega pelos poros. Amedeo é um corpo leitor: "Tinha muito prazer no esforço físico, em se impor tarefas difíceis por isso, ele vinha ler seu livro promontório, subindo de bicicleta, pedalando furiosamente debaixo do sol meridiano" (CALVINO, 1992, p. 84).

Assim como para a personagem, o crítico Ítalo Calvino entende a leitura como uma infinita renovação de significados. O que conta na obra literária é a possibilidade de continuar descobrindo dimensões de leituras sempre novas. A propósito, uma das definições atribuídas pelo autor sobre a leitura dos clássicos: "Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer" (CALVINO, 1993, p. 11). Calvino atribui aos clássicos sempre novas possibilidades de leituras. Para ele, um clássico deve sempre ser lido e relido. Sobre esse tema também discorre na sua obra ficcional através da personagem que protagoniza o conto em questão. "Amedeo escolhia cada ano certos livros famosos para reler e certos autores para enfrentar pela primeira vez" (CALVINO, 1992, p. 85).

A leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções, sendo assim, provém, em grande parte, das emoções que ela suscita. O engajamento afetivo constitui-se em um componente essencial da leitura. As emoções estão na base do princípio de identificação, fator essencial da leitura de ficção. A leitura feita pela personagem vai dos clássicos *Crime e Castigo*, do escritor russo Fiódor Mikhailovitch Dostoievski (1821-1881), a Marcel Proust (1871-1922), cuja obra literária *Em Busca do Tempo Perdido* está representada no conto na figura da personagem Albertine. Ante a obra do escritor russo, Amedeo participa das angústias da personagem principal. Imbuído da ideia de liberdade a que teria direito o "homem superior", o ex-estudante Raskólnikov, angustiado, solitário, que habita um quarto miserável, não hesita em assassinar uma velha usurária. E, a partir de então, passa a viver o inferno da culpa até conhecer a redenção cristã, no controvertido final. Na obra de Marcel Proust, é notória a riqueza das imagens da água, de Balbec, onde ele conhece Albertine, e Veneza, onde ele a esquece. A importância da paisagem marítima na constituição das personagens e na linguagem fluida, caudalosa, caracteriza a sua narrativa. Em Proust, a distância é um dos grandes temas: distância entre os amantes, entre os indivíduos. A sua obra se afirma como uma busca não somente do tempo perdido, mas também do espaço perdido. O espaço na narrativa do escritor é um espaço fragmentado. O único tempo que pode ser recuperado em sua obra literária são apenas alguns momentos, separados por longas distâncias. Características que parecem se confirmar no conto de Ítalo Calvino na figura da personagem Amedeo.

Compondo um cenário formado por elementos da natureza como praia, sol e crepúsculo, Calvino tece o fio de sua narrativa. O encontro das personagens acontece ao ar livre, imagem que nos remete ao meio próprio de luz, do alçar vôo, do perfume e das vibrações. Da mesma forma que o ar representa a via de comunicação entre a terra, o céu conduz o leitor ao mundo ficcional e real, a vida a ser vivida e a vida a ser imaginada. O céu como lugar possível de perfeição, o absoluto das aspirações humanas é também o símbolo da consciência. No centro do céu esta o sol, assim como o coração está no centro do homem, representando a vibração que o torna vivo. O sol é a fonte de luz e do calor. Seus raios representam as influências celestes acolhidas pela terra. Ao iluminar o céu, o sol também aguça a consciência dos limites, é a luz do conhecimento e a fonte de energia.

Apesar de a rocha ser um elemento que transmite uma espessura dura, densa e compacta, "a água batia calma e sem espuma". O que poderia ser símbolo da imobilidade, do imutável, nas águas do mar ganham vida na representação do curso da existência humana com seus desejos e suas rejeições. Estado transitório de incertezas e dúvidas que criam uma situação de ambivalência. O mar: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Nas águas do mar Amedeo banha-se. O banho, pode-se dizer, é, universalmente, o primeiro dos ritos que confirmam as grandes etapas da vida. A imersão satisfaz uma necessidade de calma, de segurança e de ternura. Amedeo busca nos grandes mergulhos alguns momentos de total esquecimento e de renúncia ao seu desejo. Nas águas tranquilas do mar, procura se colocar "fora do jogo". Nessas águas, entretanto, mergulha para delas sair sem se dissolver totalmente, retorna às origens, carrega-se de novo, num imenso reservatório de energia e nele bebe uma força nova.

Amedeo está preso à ilusão referencial. Na leitura vive, mentalmente, a experiência particular do próprio texto. Dessa forma, o pensamento do leitor sofre transformações que animam e o preenchem. Na leitura, escapa de si próprio, ao mesmo tempo em que se abre para experiência do outro. Emocionado pela trama que envolve as personagens, esquecerá por um breve momento a sua vida. Assim, o interesse pelo destino das personagens, ao confrontá-los com situações inéditas, modificará o seu olhar sobre essas coisas. A sua leitura, no entanto, como uma forma de ocupar os seus pensamentos e suas emoções, é abalada com a presença

de uma misteriosa mulher. Uma vez que a fruição da leitura fora quebrada, perdido de admiração, não pode mais vagar a esmo nas páginas da ficção. O ato da leitura passa a ser feito, a partir desse momento, em movimentos longos, lentos, como que pairando no espaço, sem peso. Menos interior a seu corpo que a vida das personagens, que surgia, vagamente projetado a sua frente. Assim, a paisagem exercia sobre seus pensamentos uma influência muito maior que aquela para a qual ele olhava nos intervalos da leitura.

Entretanto, o mergulho no universo da linguagem literária enriquece a sua experiência: o leitor que, em alguns momentos, deixa a realidade para adentrar-se no labirinto da ficção, em outros volta ao real, nutrido da ficção. Dessa forma, o leitor se transforma. Isolado em seu tempo interior, sempre volta ao texto de maneira modificada e mais distante. Amedeo, passa a ler com o objetivo de descobrir o final, agora, não mais pelo prazer da história mas, sobretudo, pelo prazer da leitura em si. A leitura está condicionada ao desejo do outro ao romper a continuidade do espaço, do tempo e da vontade. A vida, a partir desse momento, vai lhe impor duas vivências simultâneas: "(...) e o olho de Amedeo estava atraído por ela. Reparou que, ao ler, cada vez com mais frequência, suspendia o olhar do livro e o pousava no ar, e este ar era aquele que estava no meio entre aquela mulher e ele" (CALVINO, 1992, p. 85).

Ao observar a mulher e ao ser observado por ela tenta chegar ao fim do romance e, ao mesmo tempo, retardar a leitura o máximo possível. Relendo algumas páginas, procurando um trecho que mais gostava, verificando detalhes que achava terem lhe escapado, adentrar-se em outros mundos possíveis. E, nesse movimento de ir e voltar, instala-se um problema para a personagem que não consegue estabelecer uma fronteira entre a vida e a ficção. Amedeo não sabe transpor para a vida a leveza que encontra na literatura. Ele "se lança" na mulher como se precipita nos capítulos do livro. Porém, a sua leitura inicial, integrada à paisagem, perde espaço no conto. Assim, "fez uma coisa que nunca fazia: saltou quase meia página, até o final do capítulo, que leu, ao contrário, com muita atenção, e depois se ergueu" (CALVINO, 1992, p. 91).

A mulher surge para que o desejo possa ser deflagrado. Neste momento, sentimentos e emoções misturam-se, abrindo espaço para que a vida se sobreponha à ficção. Amedeo liberta-se de tudo aquilo que faz da sua existência um peso, através do imaginário. Entre ele e a mulher existe um mundo novo a partir de signos do objeto contemplado. A leitura é, portanto, ao mesmo tempo, uma experiência de libertação e de preenchimento. Por um lado, ela o desprende das dificuldades e imposições da vida real; por outro, ao implicá-lo no universo ficcional, renova sua percepção do mundo. Assim, o leitor-personagem se vê dividido entre o romance a ser lido e o encontro a ser vivido. E, nesse jogo de encontros e desencontros, Amedeo não é mais o mesmo. Carrega consigo duas esperanças cheias de expectativas: a primeira, proporcionada pelo livro, a cuja leitura espera sempre retornar, e a segunda, o desejo de se aproximar daquela mulher: "não sabia se a olhava fingindo que lia ou se lia fingindo que a olhava. Sentia interesse por uma e outra coisa" (CALVINO, 1992, p. 95).

Ninguém, entretanto, nem mesmo aquela mulher, sentada a alguns passos de distância, poderia entrar em seu espaço íntimo de leitura, ninguém poderia decifrar o que estava sendo contado pelo livro. Nada, exceto sua própria vontade, tinha o poder de invadir a privacidade impenetrável que a leitura sugere. Assim, o único sentido para a sua vida só seria cabível na ficção. Na vida real, o universo à sua volta era desprovido de atrativos e de perspectivas.

Ao sentir-se ameaçado diante da possibilidade do encontro, tenta deslocar a realidade que se apresenta. Ou seja, procura manter uma intimidade singular com o livro: relê para saborear ou para refletir sobre o que leu, pula parágrafos. A preferência por romances longos que logo os fazem entrar num mundo onde tudo é exato, concreto, bem especificado, o faz sentir que as coisas são feitas de um determinado modo e não de outro, mesmo as coisas pouco importantes que na vida lhe são indiferentes. Embora o encontro seja inevitável, entre uma ação e outra, abrem-se no diálogo intervalos de vazio entre as personagens. Amedeo deseja sempre retomar o fio da leitura, nada mais lhe importa. Chegou a um ponto em que não pode saltar nenhuma página. O seu pensamento comporta apenas uma única esperança: que o romance interrompido continue, afinal "chegou a uma espécie de igualdade, de confiança entre o autor e o leitor, e se vai em frente juntos, e não se quer mais parar" (CALVINO, 1992, p. 92).

É na leitura que espera o que irá acontecer como também recorda o que aconteceu. Do encontro com a mulher, ele nada espera nem, tampouco, projeta sobre ele nenhuma expectativa. Para Amedeo, a experiência amorosa podia ser tudo, menos paz, tranquilidade, linearidade. O encontro com aquela mulher causava-lhe incertezas, descontinuidade e, sobretudo, instabilidade. Sente-se ameaçado diante desse acaso que a vida lhe reservou. Desse modo, não consegue atribuir leveza ao encontro casual e passageiro. Assustava-lhe a ideia de que não pudesse continuar sua viagem no mundo da ficção. A literatura era o único mundo possível a ser vivido. Para ele, aquela senhora representa uma grande ameaça a sua vida solitária na qual apenas a literatura tem espaço. Assim, não hesita em fazer sua opção. O seu pensamento comporta apenas uma certeza: "Seu receio era de que não conseguisse terminar o romance: o início de uma relação balneária podia significar o fim de suas calmas horas de solidão" (CALVINO, 1992, p. 19).

Através das imagens simbólicas que transmitem leveza ao texto literário, o escritor Ítalo Calvino consegue retirar peso à estrutura da narrativa e à linguagem. Dessa forma, ao leitor é concedido o prazer de tornar vivo o seu universo imaginário. No contexto narrado, a literatura, na visão da personagem, está representada como um peso. Isso porque a leitura não lhe permite aventurar-se numa relação fugaz com tranquilidade e leveza, qualidades próprias dos encontros passageiros.

Embora a linguagem da narrativa transmita leveza ao leitor, a postura da personagem principal é sempre carregada do peso existencial. Toda ação de Amedeo nos leva a uma só direção: a leitura. O lugar escolhido pela personagem, no início do conto, sugere um local solitário de difícil acesso. Entre rochas irregulares, tenta isolar-se do mundo. Cada verão prepara, antes da partida rumo à estrada litorânea, uma maleta pesada de livros. É com grande esforço que Amedeo carrega a sua bicicleta nos ombros em busca de um melhor lugar para ler.

Vale ressaltar, que todo o movimento da personagem é sempre de descida. Desce em busca de um melhor lugar a fim de se acomodar, desce para mergulhar as águas verde-azul transparentes. Como desce também a uma pedra baixa. Nesse sentido, portanto, a personagem não consegue ter na vida as mesmas emoções que vivencia na ficção. Contrariamente ao que parecia lógico, não vê no encontro a menor possibilidade de um relacionamento leve. O leitor que sabe dar sentido aos elementos colhidos no texto não sabe dar sentido aos elementos existenciais. É nos livros, portanto, que a personagem tenta encontrar leveza e precisão, já que não as encontra na vida. Dessa forma, pois, é anunciada a hora do crepúsculo, momento em que o sol declina, lentamente, atrás da linha que separa o céu do mar. O crepúsculo se faz presente anunciando o fim de um ciclo, e, conseqüentemente, o início de outro. Sem que possa ser vista, a brisa rompe os espaços vazios para que a solidão possa ser preenchida. Aos poucos, o dia vai se despedindo mais uma vez.

O sol concede à lua o lugar de destaque. Na lembrança, a imagem de que tudo não passou de uma grande ilusão. Anoitece.

Por fim, o leitor que deverá ser, antes de tudo, leitor da experiência, leitor do outro, não caracteriza a personagem Amedeo. O leitor-personagem do conto em análise, absorvido pela ficção, não lê a mulher, daí a dificuldade do encontro. A este falta atribuir leveza à palavra que possibilite trânsito em meio aos contatos da experiência vital e não a impeça. Cada vez que o reino do humano lhe parece condenado ao peso de existir, mostra-se um aprendiz da leveza, pois, ainda não consegue transportá-la para a sua existência. A continuidade e a unidade buscadas pela personagem, portanto, são possíveis apenas no espaço poético. Assim, Calvino situa essa atitude como uma daquelas que dificultam a expansão dos afetos afinal, seu livro tem, como título geral, *Os amores difíceis*. Amedeo não soube transpor para a vida a leveza da literatura, não aprendera a ler o outro porque não sabia ler nos olhares. Assim, para a personagem, não há renascimento simbólico, uma vez que, completamente absorvido pela ficção, exclui qualquer possibilidade de vivência amorosa. ("... ou melhor, aquilo que não leu porque não sabia ler nos olhares" (CALVINO, 1992, p. 96). Vê-se, portanto, que, para Calvino, a leveza é algo que se cria durante o processo da escrita, com os meios próprios do poeta. Em Calvino tudo adquire consistência e estabilidade. A propósito, comenta o escritor, na página 28 das suas propostas: "a leveza para mim está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago ou aleatório".

## REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CALVINO, Ítalo. **Seis Propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, Ítalo. **Os amores difíceis**. Trad. Raquel Ramallete. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.81-96.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHATIER, Roger (Org.) **Práticas de leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p.107-116

JOUVE, Vicente. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.191-20.

ISER, Wolfgang. **O ato leitura**: Uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: 34, 19.

BOSI, Alfredo. **A interpretação da obra literária**. In:\_\_\_\_. Céu/Inferno. São Paulo: Ática, 1988.

GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário de mitologia grega**. São Paulo: Cutrix, 1983.

CHEVALIER, Jean; Gheerbrant, Alain. **Dicionário de símbolos**: Trad. Vera da Costa e Silva. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.